

POR UMA GEOGRAFIA  
LATINO-AMERICANA



CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO\*

## A AMÉRICA LATINA: DA CRIAÇÃO PASSADA À INVENÇÃO NECESSÁRIA\*\*

AGRADEÇO PENHORADAMENTE aos organizadores deste X EGAL o convite para esta palestra de encerramento. Estou certo de que tal honraria não é dirigida a um geógrafo que tenha em sua produção uma abordagem especial sobre a América Latina. Trata-se, antes, de uma deferência a um geógrafo brasileiro da segunda metade do século XX, uma espécie em via de extinção.

Embora me haja sido dada total liberdade na escolha do tema, proponho-me a abordar algo que esteja intimamente vinculado ao tema central do evento, sob o belíssimo e adequado rótulo: “Do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade”. Propondo como tema “A América Latina: da criação passada à invenção necessária”, desejo pôr em confronto nossa herança imposta pelo processo colonial que nos gerou, marcando-nos fortemente com uma criação que exige, urgentemente, que a inventemos para sairmos da incômoda situação em que nos encontramos. Desejo que esta minha fala seja tomada como depoimento sincero de um geógrafo brasileiro que, não tendo tido envolvimento ativo nessa missão, deseja agora, numa espécie de expiação, atrever-se a apontar al-

\* Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Brasil.

\*\* Conferência de encerramento do X Encontro de Geógrafos da América Latina.

guns aspectos necessários a alcançarmos –nós, os geógrafos da América Latina– aquele *espaço de solidariedade*.

## I

Principio evocando, aqui, o depoimento de nosso antropólogo Darcy Ribeiro quando nos diz que em seus anos de exílio em Montevidéu, em seus estudos nas bibliotecas uruguaias, lendo quase tudo o que se escreveu sobre a América Latina, deu-se conta de que:

Foi lá, lendo e repensando nossas vivências, que rompi com meu provincianismo brasileiro para perceber que somos partes de um todo: a América Latina. Que nossa história é feita das mesmas vicissitudes vividas pelos povos que construíram, aqui, com a carne e a alma dos índios e dos negros que os brancos caçaram encurralaram para produzir suas riquezas. Que nosso destino se jogara e decidira também, conjuntamente, dentro do quadro continental que compartilhamos (Ribeiro, 1993: prefácio).

De minha parte, não posso registrar nenhum momento de revelação ou tomada de consciência da importância de nosso pertencimento a este conjunto maior que é América Latina. Mas, recorrendo à minha memória, posso encontrar sinais evidentes de um velado anseio de percepção. Uma seqüência de cenas, ao longo da infância e juventude, pode ser aqui mobilizada para ilustrar a evolução desse sentimento.

### CENA 1

Escola primária em minha Teresina natal, anos trinta, governo Vargas, antes do Estado Novo (1937). Em comemoração ao então celebrado dia Pan-Americano (de cuja data não me recordo) nossa classe foi contemplada com a missão de homenagear a Colômbia. A professora deu-nos aula sobre a geografia daquele país irmão e fomos mobilizados a construir bandeirolas, imitando o pendão daquele país, para agitarmos no desfile. Jamais esqueci as cores da bandeira colombiana, naquela disposição de faixas horizontais de vermelho e azul na metade inferior, enquanto o amarelo toma toda a metade superior. No período da ditadura não houve mais celebração do dia Pan-Americano, nem mesmo foram permitidas celebrações aos estados de nossa federação, concentradas que eram todas as forças na totalidade do País.

### CENA 2

Na então Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, anos quarenta, aluno do curso de geografia e história na Faculdade Nacional de Filosofia, na Cadeira de Geografia Humana (não tínhamos geografia regional no

currículo) era-nos indicado o manual *Latin America*, do geógrafo estadunidense Preston Eweret James, da Siracuse University, ex-discípulo de Ms. Helen Semple. Na introdução à obra, o autor recorreu ao mito do El Dorado, relembrando o seu banho no lago onde, após despojar-se do ouro em pó que lhe recobria todo o corpo, a comunidade lançava às águas vários artefatos de ouro. Sobre esse ritual já me referi, em trabalho anterior (Monteiro, 1987) nos seguintes termos:

Talvez nesta metáfora esteja contida a função simbólica que é preciso captar. O homem retira da terra a sua riqueza, sintetizada no ouro –corporeamente em pó e complementarmente em artefatos– mas, após usufruir deles, deve haver um retorno à fonte. Tendo colocado sob as águas do lago, no claro escuro e na dubiedade barroca da simbologia, não se esclarece como a terra reincorpora parte da riqueza devolvida. Mas a repetição anual daquela celebração deixa claro que novas riquezas foram obtidas e, novamente retornadas naquele ritual palindrômico (Monteiro, 1987: 61).

### CENA 3

Nos anos setenta, o geógrafo, em suas viagens para participar de eventos científicos internacionais, com destino ao México, num voo com escalas em Manaus, Bogotá, Panamá, malgrado os dez mil metros de altura da aeronave, um tempo excepcionalmente claro, após a planície amazônica, o altiplano de Bogotá exhibe os sulcos paralelos do Magdadelana e Cauca numa amostra da variedade e exuberante beleza de paisagens.

### CENA 4

Início dos anos setenta. Leio *Cem anos de solidão* de Gabriel García Márquez e fico encantado com os mistérios de Macondo e o realismo fantástico na saga dos Buendía.

Notaram vocês que as quatro cenas do relicário de minha memória referem-se à Colômbia, país irmão, fronteiro, mas que não tive oportunidade de conhecer, salvo o aeroporto de Bogotá no referido sobrevôo. Mas creio que assenta bem à Colômbia esse papel simbólico, posto que o país não é o maior nem o menor e pode representar atributos que, a despeito de escala e grau de intensidade, podem ser encontrados em todos os países de nossa comunidade: a riqueza de conteúdo e simbologia das culturas pré-colombianas, a magnificência de nossas paisagens, o valor dos nossos recursos e a sensibilidade e inventividade dos nossos artistas.

Propositadamente, deixei por último o sentimento exibido na primeira cena, ou seja, aquele de nossa fraternidade frustrada, infeliz herança de nossa colonização. O acadêmico Alfredo Bosi, colega das Letras em nossa faculdade, em sua obra *A dialética da colonização* chama atenção para o fato de que:

Nos países de passado colonial como o Brasil (e isto valerá agudamente para o México e o Peru), a co-habitação de tempos é mais evidente e tangível do que entre alguns povos mais sincronicamente modernizados do Primeiro Mundo. Talvez o nosso processo de aculturação euro-afro-americano ainda esteja longe de se ter completado. E certamente os seus descompassos e sua polirritmia ferem os ouvidos afinados pelos sons dos clarins e das trombetas evolucionistas. Por tudo isso, é preciso escutar nossa música sem pressa nem preconceito. Com delicada atenção. É um concerto que traz um repertório de surpresas, é verdade, mas que no seu desenrolar-se está constituindo a nossa identidade possível. Somos hoje a memória, viva ou entorpecida, do *ontem* e do *anteontem* e prelúdio tateante do *amanhã* (Bosi, 1992) (grifos meus).

Nossa maior preocupação é com o amanhã, o futuro da América Latina. Mas não o alcançaremos sem o conhecimento do presente e do passado. No primeiro caso –o nosso hoje– fomos contemplados com a brilhante conferência do colega peruano Aníbal Quijano que nos ofereceu uma acurada análise da realidade atual da América Latina, em toda sua heterogeneidade, destrinchando magistralmente suas complexidades e especificidades econômicas, políticas e sociais.

O *anteontem* (passado remoto) creio ser dispensável em todo um desdobramento linear, cumprido apenas resgatarmos os traços essenciais de nossa herança colonial ibérica, nos quatros séculos iniciais de nossa formação social. Já o *ontem* (passado recente), constituído pelo século vinte, que além de toda a importante carga de mudanças impostas pelos progressos científico-tecnológicos, deve ser sondado naquilo que represente uma tomada de consciência da identidade latino-americana. O *amanhã* (o futuro), nossa meta principal, repousará nas reflexões a propósito dos conceitos de criação (passada) e invenção (futura) anunciada no rótulo desta palestra.

## II

Creio que nosso passado remoto não será de todo esquecido se recorrermos a um poeta, já que estes artistas têm a propriedade de dizer, bela e sinteticamente, aquilo que os cientistas fazem circunstanciada e secamente. Assim, ao lado do grande poeta mexicano Octavio Paz, mobilizado para nosso tema central, evoco o brasileiro Carlos Drum-

mond de Andrade que no seu poema *Canto brasileiro* (1975) assim se expressou:

Por que Brasil e não  
outro qualquer nome de aventura?  
Brasil fiquei sendo, serei sendo  
nas escrituras de sangue  
Minha arte de viver foi soletrada  
em roteiros distantes?  
A vida me foi dada em leis e reis?  
Me fizeram e moldaram  
em figurinos velhos? Amanheço

A consciência de que fomos moldados em figurinos velhos, em roteiros distantes com leis e reis a dirigir nossas vidas, desvela o entendimento dessa herança do passado colonial que não é apenas aquela forjada pelos portugueses no Brasil, gigantesco, continental, mas também pelos espanhóis na fragmentação de vários países que compõem a maioria da chamada América Latina. Nossa herança é ibérica, pois se não fomos descobertos, com certeza fomos criados por aquela cultura peninsular, européia, cristã e mourisca, mestiça, plena de méritos e defeitos. O desejo colonial de criar novos mundos à sua imagem e semelhança, implantados em espaços geográficos diversificados (tropicais, subtropicais, altiplanálticos, cordilheira e profundos vales) com mobilização de outros estoques humanos (nativos e transplantados) se não replicaram pelo menos guardaram profundas marcas nas criações resultantes.

As capitânias hereditárias no Brasil Português exibem um figurino medieval aplicado em plena Renascença. As Sesmarias, geradoras dos latifúndios, marcaram profundamente nossa vida agrária. Elas têm suas origens nos tempos d'el Rei D. Fernando, quando a lei dos Sesmos foi criada no minúsculo território português para reaproveitar as terras devolutas (devolvidas) da ocupação mourisca. Aqui, na vastidão do território brasileiro a semântica de devolvida em devoluta tornou-se desocupada.

Ao longo daqueles quatro séculos não só brasileiros, mas todos nós Latino-Americanos, ibéricos, neste repertório de surpresas através dos quais estamos construindo nossa identidade possível, exibindo nossas faces inéditas de que nos lembra o poeta brasileiro, talvez seja possível alcançar aquele sentimento de fraternidade solidária de que nos fala o poeta mexicano.

Passando do anteontem ao ontem, gostaria de sublinhar alguns fatos relevantes na evolução de nossa lenta tomada de consciência da identidade Latino-americana no início, meio e final do século vinte.

No alvorecer mesmo do século vinte surgiram duas obras de grande relevância para a consciência de americalatinidade: uma uru-

guia e outra brasileira. Em 1905 era editada em Paris pelo brasileiro (sergipano, médico, educador, radicado no Rio de Janeiro) Manuel Bomfim (1868-1932) a obra intitulada *América Latina: males de origem*. Aproveitando estar na França estudando pedagogia e psicologia, Manuel Bomfim reage contra o que denominará a malevolência européia em relação à América do Sul e resolve definir o que é América Latina, contrariando aquela opinião corrente.

Contrariamente a toda uma tradição vigente na historiografia brasileira em louvar a matriz colonizadora, Bomfim, demonstrando ter olhos capazes de ver em torno de si, condena o processo de colonização assentado na espoliação da natureza e na implantação de uma sociedade moldada num parasitismo degenerativo. Defende a população indígena e, sobretudo, os escravos vindos de África, sobre quem recaía todo o trabalho. Condena o que designou de parasitismo do pensamento ibérico e carrega nas tintas negativas, resultando daí uma alta dose de lusofobia. Malgrado certos excessos e, segundo opinião de sociólogos, da ênfase num biologismo sociológico (talvez oriundo de sua formação médica), é reputada como obra de extraordinário mérito, destoante do contexto intelectual vigente em sua época.

A grande admiração que envolve esta obra foi sua quase absoluta falta de repercussão entre nós no Brasil. Darcy Ribeiro, um dos entusiastas e divulgador da obra de Bomfim, indaga: por que esta obra extraordinária não serviu de cimento na construção de nossas consciências nacionais?

A outra obra relevante a que me referi, igualmente do início do século vinte, foi a do uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917) editada em 1913. Trata-se de um alentado conjunto de ensaios, reunidos em dois volumes, tendo como título *El mirador de Próspero*. Aliás, essa obra de 1913 tem suas raízes num outro ensaio publicado no ano de 1900 e intitulado *Ariel*<sup>1</sup>. Percebe-se que as figuras de Próspero e Ariel inserem-se na famosa peça de Shakespeare: *A tempestade*. Próspero, o Duque de Milão, usurpado do poder pelo seu irmão com o apoio do rei de Nápoles, é confinado a uma pequena ilha do mediterrâneo com sua filha mantendo a seu serviço um espírito de luz –Ariel e um ser inculto meio homem meio animal– Calibã.

Nesses ensaios, Rodó, a partir das doutrinas por ele rotuladas como *utilitarismo* e *americanismo*, ressalta a influência nociva dos Estados Unidos da América sobre a América Latina. Enquanto o nosso Bomfim concentra o seu ataque sobre as matrizes colonizadoras ibéricas, o uruguaio Rodó denuncia a influência perniciosa do fruto colonial britânico sobre aquele ibérico. Ao contrário da obra de Bomfim,

1 Este ensaio mereceu uma edição feita em Salvador, Bahia em tradução de Pinho de Aguiar, numa coleção rotulada “Ensaístas Americanos, sem menção de data”.



a de Rodó mereceu ampla repercussão servindo mesmo à função metafórica de identificar Próspero como o cruel colonizador enquanto Calibã seria o símbolo do oprimido colonizado. Essa repercussão pela América Latina culminaria no Caribe, onde muito tem sido escrito. Inclusive há quem veja na geração do personagem Calibã sinais de Caribbean, e tal repercussão se prolongou pelo século, reaparecendo na obra do *brazilianist* Richard Morse que, na tradução brasileira de Paulo Naves, foi editada pela Companhia das Letras em 1988 sobre o título *O espelho de Próspero: culturas e idéias nas américas*, que mereceu uma apresentação de Antônio Cândido.

O início do Século constitui para nós no Brasil a República velha –evada dos defeitos do Império (uma originalidade nossa)– enfrentando os problemas decorrentes de um estado oligárquico, assentado economicamente na produção agrícola voltada para o exterior. A dita revolução de 1930 aspirou por um estado mais democrático, apoiado nas massas populares urbanas e implantação industrial. Mas tais aspirações democráticas recebem o eco das diretrizes totalitárias fascistas da Europa e principia aquelas metas sob a égide do Estado Novo de Vargas (1937-1945).

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) traria substanciais alterações na divisão internacional do trabalho (poder mundial). Antes mesmo que ela se terminasse pela inauguração da era atômica (Hiroshima e Nagasaki) na reunião de Bretton Woods (1944), a Inglaterra passa o bastão do poder mundial a sua ex-colônia EUA, ficando o mundo comandado por um consórcio de nações de língua inglesa. Os EUA irão, a partir daí, medir força com a URSS que, como aliada vencedora, expandira sua experiência socialista para o seu entorno na Europa Central, o que resultara num longo período da Guerra Fria cujo campo de medição de força será dirigido para a conquista espacial (Sputnik Soviético 1957; Apolo 11 Americano 1969).

O meio do século vinte está intimamente vinculado ao pós-guerra onde os EUA empenham-se na reconstrução da Europa Ocidental para fazer face ao crescimento soviético, de que o Plano Marshall é a expressão. A América Latina, alinhada durante o conflito com os Estados Unidos e aliados (malgrado algumas vacilações iniciais em alguns poucos países), foi alijada de qualquer ajuda. Pelo contrário, muitos países viram-se às voltas com aumento da dívida para a qual havia missões (Abink) e planos (SALTE) especiais.

Os anos cinquenta foram marcados pela “descoberta” do subdesenvolvimento e a existência daquilo que o demógrafo francês Alfred Sauvy cunharia de Terceiro Mundo. Usado para descrever um conjunto novo e periférico de nações, por analogia com o Terceiro Estado da Revolução Francesa (1789), mas também associado a atributos terceiristas de cunho latino-americano como a “terceira posição” proposta

na Argentina por Perón (1951). Nessa segunda acepção, empregada em diferentes países latino-americanos e afro-asiáticos a expressão Terceiro Mundo quer denotar uma posição de luta política (Aizcorbe, 1986: 1224). A aliança entre as carências de sucesso econômico e emancipação política acentua o conceito de subdesenvolvimento, aliando o atraso histórico da América Latina com os países Asiáticos e Africanos num processo de esforço de descolonização.

Um marco nesse meado de século foi a criação da CEPAL, proposta por iniciativa do Chile junto à Organização das Nações Unidas em 1948 e instalada naquele país a despeito da má vontade dos EUA. Passando por sérias dificuldades iniciais, conseguiu firmar-se por ocasião da reunião de 1951, realizada no México. Reunindo uma plêiade de economistas de várias procedências e orientações, recebeu a marca do argentino Raul Prebisch, de quem emergiu a visão dinâmica do sistema *centro-periferia*<sup>2</sup>. Nosso economista Celso Furtado, que teve destacado papel naquela comissão, deixou-nos um saboroso relato dos primeiros anos de existência da CEPAL, em sua obra, de cunho memorialista *A fantasia organizada*.

Centradas no binômio centro-periferia, as idéias básicas cepalinas giravam em torno do princípio segundo o qual a troca entre manufaturados (centro) por produtos primários (periferia) afetava a capacidade de acumulação desta última e visava à elaboração de políticas econômicas protetoras da indústria –necessariamente implantada– bem como adequar a alocação de recursos externos prejudiciais à substituição de importações e à capacidade de consumo das grandes massas.

Segundo explica o cientista político José Luis Fiori (1990), a partir de três vieses era possível identificar o complexo Latino Americano: 1) o primário exportador (voltado para fora) baseado em oligarquias gerenciadas por um estado liberal com componentes autoritárias excludentes. Neles as crises de exportação implicavam forçosamente em crises políticas; 2) a substituição de importações (voltada para dentro), implicando deslocamento das oligarquias agrárias em relação ao controle do poder estatal. Esta substituição dar-se-ia por uma aliança heterogênea entre a burguesia industrial, a classe média e os trabalhadores urbanos. O estado populista ou de compromisso visaria à expansão industrial; 3) a internacionalização dos mercados nacionais voltava-se para os estratos sociais de mais alta renda, ocorrendo uma reconcentração da riqueza e marginalização do povo. A contenção de salários e repressão às mobilizações populares são conduzidas por uma tecnocracia civil-militar que resulta em estado burocrático autoritário: ditaduras.

Ao final dos anos cinquenta, a situação do quadro político geral na América Latina complica-se com a Revolução Cubana (1959) e a

2 Não esquecer que, data de 1950, a proposta oriunda da Biologia, por L. Von Bertalanffy: a Teoria Geral dos Sistemas.

opção de Fidel Castro pelo socialismo. Essa nova feição na realidade política latino-americana implica uma revisão de posição da CEPAL, que assume um duplo direcionamento. De um lado, prega o combate ao caráter concentrador e excludente do desenvolvimento conseguido (a duras penas) mediante a distribuição de renda e o combate à heterogeneidade estrutural e obstáculos institucionais ao crescimento. Por outro lado, promove a reflexão crítica sobre a natureza das burguesias latino-americanas, bem como sobre o fracasso do projeto nacional desenvolvimentista e a força instabilizadora do populismo.

Ao se atingir o final dos anos sessenta, já era evidente que se a primeira metade do século havia sido de estagnação econômica, a segunda exibia nítidos sinais de um ciclo expansivo. Isso contribuiu para abalar o mito da inviabilidade do crescimento sob certas condições de dependência, concentração de renda e exclusão social.

Sem que nos fosse dado perceber, a virada dos anos sessenta para setenta concentrou cumulativamente uma série de acontecimentos os mais variados nos diferentes campos do conhecimento científico, progresso tecnológico e comportamento social que serve bem a configurar aquilo que Fritjof Capra designou como o *turning point* (ponto de mutação). O geógrafo britânico David Harvey propôs o ano de 1973, marcado pela crise dos combustíveis, como marco introdutório do pós-modernismo. Eu, pessoalmente, prefiro ampliar o ponto para o quinquênio 1968-1973. Dentro de um grande rol de eventos importantes lembro: revolta dos universitários e greve geral na França; invasão da Tchecoslováquia pela força do Pacto de Varsóvia; eleição de Nixon nos EUA; visita deste à China, renúncia de De Gaulle na França; fim das ditaduras de Salazar e Franco na Península Ibérica; geração do Concorde; Apolo 11 e chegada dos americanos à lua; o Congo, primeiro país comunista na África; terrorismo tupamaro no Uruguai; eleição de Allende no Chile; exposição internacional de Osaka; insolvência da Rolls-Royce inglesa; morte de Duvalier no Haiti; massacre de atletas israelenses na olimpíada de Munique; conferência de Estocolmo sobre a questão ambiental; crise do petróleo árabe e Ato Institucional N° 5 no Brasil.

Com esse “ponto de mutação” penetramos no terço final do século XX, quando a América Latina, sob o ponto de vista econômico, vê-se percorrida pelo debate crítico provocado pela “teoria da dependência”. Lançada no início dos anos setenta por Cardoso e Faletto (1973), repercute ao longo dos anos setenta e chega ao início dos oitenta – década considerada para a América Latina como a “década perdida” – com a análise de Florestan Fernandes (1981). O dependentismo estagnante alterou-se para o rótulo de “desenvolvimento dependente associado”, chegando a admitir-se a condição de “estado capitalista periférico”. José Luis Fiori assim sintetiza este balanço no meado do século vinte:

Numa síntese parcial poderíamos dizer que, se o pensamento político dos anos 20/30 quis fazer do Estado um ator político central na luta contra o atraso, o pensamento dos anos 50 o transformou em agente econômico de uma utopia industrializante. Por sua vez, o dependentismo dos anos 60, frustrado, banalizou-o do ponto de vista teórico e estratégico, transformando-o em uma mera peça num jogo de determinações internas/externas, muito pouco nítido conceitualmente (Fiori, 1990: 65 e 66).

O papel do estado e das economias nacionais na América Latina não se subordinava às mesmas suposições teóricas, impossibilitando reunir num mesmo conjunto os governos autoritários de diferentes países. O estado, na América Latina, tem-se revelado opaco devido a uma excessiva submissão da reflexão teórica às preocupações estratégicas.

A década de 80 –a década perdida para América Latina– desemboca em tentativas de alianças, como foi o caso do Mercosul (1985) principiada pelos governos do Brasil (Sarney) e Argentina (Alfonsín).

Assim, chegamos ao final de século que, antes de tudo, se caracteriza pela vigência de uma “grande crise histórica”. Além do somatório de todos aqueles problemas apontados no ponto de mutação surgiram outros, em grande parte vinculados aos extraordinários progressos tecnológicos nas comunicações, introdutores de substanciais alterações no conceito de espaço (espaços virtuais, *cyber-space*), novas perspectivas no binômio distância/velocidade repercutem nas concepções de mundo/s. No final dos anos 80 (1989) os acontecimentos na porta de Brandemburgo (Berlim) e na Praça da Paz Celestial (Pequim) podem assumir a função simbólica de um importante marco político.

O desmoronamento da URSS, soando como fracasso ao experimento socialista implantado em 1917, pareceu apontar um sucesso do capitalismo e expansão mundial do neoliberalismo. Instalou-se a idéia de globalização e de economia de mercado como o seu sustentáculo. Tornaram-se mais difíceis ainda as relações entre os centros hegemônicos do poder mundial e as periferias em esforço de desenvolvimento. Os instrumentos básicos de controle político-econômico (Banco Mundial, FMI, etc.), procuram impor um modelo puro ou único de ajustamento estrutural como condições básicas para qualquer programa de ajuda aos países em desenvolvimento.

Persegue-se a geração de uma globalização que, assentada em grandes contrastes e desigualdades econômicas nas nações, melhor mereceria o rótulo de megacompetição. O vasto mundo apresenta-se muito heterogêneo para gerar algo “unitário” como uma globalização. Os centros hegemônicos constituídos pelos pólos americanos, europeu e japonês constituem o pequeno, mas poderoso, clube dos sete países ricos. As receitas que eles preconizam aos “remediados” e, sobretudo,

àqueles mais pobres não podem vingar porque além das disparidades econômicas vigoram realidades culturais diferentes.

E a América Latina, como aquele espaço de periferia da economia-mundo, gerado pelas vias coloniais de desenvolvimento do capitalismo, onde extensão espacial e importância cultural afirmam sua importância planetária, não pode aceitar a imposição de modelos econômicos que visem a mantê-la na condição de periferia dependente numa tal globalização. Nada será necessário juntar aqui a este propósito ao que foi apresentado por Milton Santos em sua obra: *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal* (2000).

E lembrar Milton Santos, aqui neste momento, não se prende apenas à sua vasta e importante obra escrita, mas também à sua atuação na instalação e continuidade destes encontros (EGAL) já em sua décima edição. Modestamente iniciada em Águas de São Pedro (SP) no ano de 1987, a prática destes encontros prossegue com crescente sucesso, bi-anualmente, contando sempre com a presença de Milton até o encontro de Buenos Aires (1997) enquanto lhe permitiu seu declinante estado de saúde. E agora dou-me conta de que estes encontros principiaram no mesmo ano em que eu me aposentava da Universidade de São Paulo. Além do desencontro de nossa atuação no Departamento de Geografia –Milton entrando no momento em que eu saía– recolhi-me a escrever algumas obras (de reflexão crítica sobre minha contribuição e memorialista sobre meus verdes anos no Piauí) e mantive-me afastado dos encontros geográficos. Não haveria um motivo, de minha parte, que revelasse desinteresse na temática da América Latina. Meus primeiros artigos, aflorando minhas primeiras reflexões sobre o estudo geográfico dos climas, foram acolhidos na *Revista Geográfica do Instituto Pan-Americano de Geografia e História* (IPGH). Também a esta instituição devo eu a participação em uma memorável *reunião de consulta* realizada na Guatemala (1965). Mais recentemente participei de uma reunião do *Fórum Latino Americano de Geografia Física*, realizado na Universidad de La Habana, em Cuba, entre 1º e 6 de agosto de 2000.

### III

Recentemente o crítico literário George Steiner, em sua obra *Gramáticas da criação*, concluiu que, nos tempos que atravessamos, torna-se difícil estabelecer diferenças claras entre os conceitos de criar e inventar. E o fez percorrendo os mais variados ramos do conhecimento, sobretudo aqueles da filosofia, das ciências e das artes. E sua argumentação é bem convincente.

Sem querer contestá-lo, aproveito aqui a opinião de dois outros críticos literários que, a propósito da obra de Shakespeare, exibem contradições que demonstram claramente que a nebulosidade envolvendo

esses conceitos data de muito mais tempo. Harold Bloom, em sua obra *Shakespeare, The Invention of the Human*, como se vê pelo próprio título da obra, deixa claro que o bardo inglês não era criador dos seus temas, muito deles casos históricos conhecidos e outras vezes histórias de amor reaproveitadas. Sobre aqueles enredos já criados, ele fez a sua invenção, ou seja, exhibe o substrato das paixões peculiares à condição humana: dúvida, ciúme, inveja, avareza, etc. A esta opinião de um crítico da atualidade podemos confrontar aquela outra de um crítico britânico do princípio do século XX –Frederick S. Boas. Em sua obra na *Introduction to the Reading of Shakespeare*<sup>3</sup>, opina ele que Shakespeare “was a unique creator, but not an inventor” exatamente o contrário do que diz Bloom<sup>4</sup>, de onde se poderá concluir que a fluidez semântica entre os dois conceitos é coisa bem antiga.

Na vigência dessa dubiedade (ou mesmo contradição), cabe pesquisar em dicionários das línguas mais usuais aquelas concepções que melhor assentem a nosso propósito de mudança de atitude em face da consciência latino-americana. Nossa síndrome colonial –tanto herança do antigo processo de colonização ibérica quanto de imperialismo mais recente–, a superação daqueles roteiros distantes e figurinos velhos que nos inferiorizaram e inibiram a procura de outros moldes ou paradigmas capazes de nos alçar a níveis mais favoráveis. Creio que a pior herança herdada da colonização e que impregnou nossas formações sociais, mesmo depois da formalização das “independências” as classes dominantes reproduzem a mesma atitude, indistintamente parasitária (para usar a feliz expressão de Manuel Bomfim) tão arrogantemente predatória e nociva à natureza e aos recursos que nos oferece, quanto a preservação ou mesmo agravamento da injustiça social de manutenção do modelo senhores & escravos.

Da minha procura dos diferentes e possíveis matizes semânticos pertinentes a criar e inventar poderei testar alguns dos mais significativos, como veremos a seguir. Não deveremos, de nenhum modo, aceitar a concepção de criar, como ato divino, aquele capaz de apartar o caos da ordem, a luz das sombras, o nada do todo. As nossas matrizes coloniais não se deram a tanto posto que, quando nos “descobriram”, já havia outros mundos, diferentes dos deles, mas com identidade própria. A sagrada missão despertada em continuação à expulsão dos mouros da península e ação missioneira da Contra Reforma não poderão ser incluídas nesta categoria.

Difícil também será aceitar aquela concepção de criar sob o ponto de vista biológico, ligado a sustentar, alimentar, nutrir, pois que o

3 Produzida em 1927, editada pela primeira vez em 1930 pela Oxford University Press.

4 Admite-se que da imaginação do próprio Shakespeare são *Sonho de uma noite de verão*, *Trabalhos de amor perdidos* e *A tempestade*.

processo colonizatório demonstra antes a situação inversa. Foram as colônias que nutriram as metrópoles.

Só nos será possível aceitar a semântica de criar de novo naquela concepção de fundar, ou melhor, produzir já que novas nacionalidades foram geradas pela herança de línguas e culturas dos dominadores sobre o acervo ativo dos estoques culturais nativos e introduzidos.

No que diz respeito a inventar, há uma sintonia de concepções que favorecem o nosso propósito. Assim, assenta bem a concepção de descobrir maneiras novas de criar novos usos para o que já existia, e até mesmo aquela, sugerida por Steiner de instalar janelas através das quais nos possibilite contemplar terrenos desconhecidos e novas fontes de luz. Inventar também pode ser tomado como urdir, arquitetar e até mesmo imaginar, fantasiar, o que nos franquia a possibilidade de UTOPIA.

No paralelo entre esses dois conceitos –criar e inventar– o que é de fundamental importância é ressaltar que se trata de uma tarefa de pensamento (filosófica) e não propriamente de conhecimento (epistemológica). Dentre as vicissitudes da episteme contemporânea ainda sobrevive a herança de duas representações do universo (conjunto de mundos). De um lado a tradição monista, racional (questão de imanência) e por outro lado aquela dualista de alcançar, espiritual (questão de transcendência).

Esse projeto inventivo um novo condicionamento para o mundo latino-americano em face da grande mutação contemporânea (grande crise histórica) geradora de um vasto mundo globalizado é uma tarefa gigantesca que envolve os vários aspectos da vida social, que inclui forçosamente aquele da comunidade científica, da qual os geógrafos fazem parte. E, devido à própria essência da geografia em compreender as relações entre natureza e sociedade, tem um importante papel a desempenhar.

Nesse momento histórico confuso admite-se que o século vinte foi insuperável em acúmulo de mudanças resultante seja em grandes sucessos em ciência –tecnologia bem como em graves problemas ambientais e sociais. Não é de admirar que desde a entrada naquele século tenham sido proclamados a morte de Deus e ao seu final o fim da história. Se não se proclamou ainda a morte do homem, está suficientemente claro que urge alcançarmos um novo humanismo. O momento atual, de grande crise, desembocará certamente em novas maneiras, novas formas de história desde que o fastígio proporcionado pelo progresso científico e tecnológico (progresso material) seja canalizado em direção a novas filosofias (progresso espiritual).

O atual desencanto do mundo (pós bombas de Hiroshima e Nagasaki) provém das imperfeições do homem, tanto em suas relações com a natureza quanto com a sociedade. O que se reflete no afloramento de vários irracionalismos na sociedade em contraste com excessos de racionalidade instrumentalizada na ciência. Assim, torna-se

absolutamente necessária a geração de um novo humanismo ao mesmo tempo que uma nova ciência carente de uma flexibilidade de método, admitindo a existência de incertezas (cones de sombra) e admissão da possibilidade de poder beneficiar-se de iluminações transversais (provenientes da arte e da filosofia).

Permito-me discordar de Milton Santos no quadro geral de suas idéias a propósito de sua “outra globalização”, sobretudo aquela de uma relativa liberação do homem em relação à natureza. E não considero aqui a ação catastrófica das forças internas: tsunamis, terremotos, erupções vulcânicas. São Paulo, com todo seu poderio econômico e tecnológico, não consegue liberar-se dos efeitos danosos dos grandes impactos pluviiais concentrados que lhe confere, durante os verões, uma condição anfíbia. E o próprio temário do presente encontro, ao incluir os problemas ambientais, serve a atestar este reconhecimento.

Vejo assim, sobretudo no caso brasileiro, para a nova consciência de mundo tanto a necessidade de mudar as relações intra-sociais quanto aquelas que dizem respeito às ambientais. Não concordo com os exageros da chamada “ecologia pesada”, mas tenho plena consciência de que a história universal humana tem cometido muitos erros que precisam ser corrigidos, eliminados sob pena de um devir muito sombrio.

A propósito da necessária aliança que venha harmonizar os avanços da ciência-tecnologia com um suporte filosófico adequado gostaria de trazer à baila, algumas conjecturas a propósito do futuro da Geografia em geral e, especialmente de nossa América Latina.

É fato sobejamente conhecido que grandes mutações no campo da ciência ocorreram desde o alvorecer do século vinte: as teorias dos quanta, da relatividade (no início); dos sistemas (meio) e da geometria fractal (no final) vieram evidenciando o enfraquecimento da razão vigente e do próprio método científico. Nos anos 70, a obra de um filósofo da ciência, oriundo da física –Paul Feyerabend– rotulada *Against Method* veio questionar e abalar muitos preceitos vigentes (dentre os quais o da *Estrutura das Revoluções Científicas* de Thomas Kuhn). Curiosamente Feyerabend, que havia proposto como subtítulo de sua provocativa tese *Outline of an Anarchistic Theory of Knowledge*, no interior da referida obra (cap. 16), admite o atenuante de substituir o termo anarquista por dadaísta. Já se pode vislumbrar aí uma aproximação –até então inusitada– entre ciência e arte, o que viria a ter seguimento com a obra *La nouvelle alliance* de Prigogine e Stengers. O dadaísmo, movimento artístico nascido no momento mesmo da carnificina da 1ª grande guerra mundial (1916) e que teve em Marcel Duchamp seu grande ícone e portador, foi, acima de tudo, uma espetacular ruptura na própria concepção de arte. A roda de bicicleta sobre um banquinho, o urinol invertido e transformado em fonte, um funil de engarrafar sidra assinado pelo artista propõe artefatos como



arte-factos. Seria o caso de, diante de tais “absurdos”, alguém proclamar a morte da arte.

Na realidade, não passaria pela cabeça de Feyerabend fazer constatação da morte da ciência, mas simplesmente destacar uma grande ruptura na maneira de praticá-la aferroada a um método único tal como fora proclamado por Descartes na instalação da ciência moderna. Aliás, Feyerabend, ao admitir jocosamente que em ciência vale tudo (*anything goes*), está opinando em sintonia com Blaise Pascal, contemporâneo de Descartes, que admitia que diferentes problemas admitem diferentes abordagens (tratamentos metodológicos).

Para enfrentar o futuro temos de considerar não apenas as diretrizes atuais que estão surgindo, mas aquelas mudanças e rupturas já ocorridas, antes da grande crise histórica atual, e das quais ainda não nos demos conta. Para um geógrafo como eu, que atravessou sérias mudanças no decorrer do século passado, “revoluções” e propostas de “novas geografias” (algumas percebidas e outras que me escaparam), chega a ser inimaginável o teor e o volume das mutações que se colocaram no futuro próximo. Um tópico que me preocupa e que tem ligação com o nosso propósito de aproximação em torno do tema comum da América Latina tem a ver com a multiplicação e agigantamento na comunidade de geógrafos e novas maneiras coletivas de investigação. Enquanto a produção artística esteve sempre associada ao indivíduo, a ciência admitiu sempre o coletivo, do que a análise de Kuhn, concernente aos aspectos sociológicos da pesquisa, mostrou bem procedente a vigência de equipes de investigadores, liderados por um “patrão” e compartilhando um dado paradigma.

No momento presente, podemos encontrar, em algumas de nossas revistas, artigos ou comunicações com mais de dezena de co-autores. A prática de coletivismo na produção de conhecimento é um fato real. Veja-se a realização do presente encontro onde se constata um inegável gigantismo com mais de mil participantes, com várias atividades simultâneas dificultando uma cabal fruição. Aliás, este coletivismo atual extravasa até para o campo da arte. Já houve aqui no Brasil produção de espetáculos teatrais de autoria de equipes. Embora essa prática haja sido designada “besteirol”, ela vem emergindo com crescente persistência. Talvez cheguemos um dia a constatar que uma equipe de músicos reuniu-se para compor uma sinfonia!

Tudo indica que o desencantamento do mundo, que ocorre na atual crise, predisponha ao coletivismo e à conjunção de esforços. O próprio conhecimento (episteme) tende a ser mais conjuntivo (interdisciplinaridade). Quem sabe isso não irá contribuir para que a própria idéia de socialismo, tão difícil de vingar, venha a encontrar menos dificuldade no futuro? O próprio anseio do homem do mundo atual em procurar, cada vez mais, sinais de vida inteligente no espaço inter-

estelar talvez seja um reflexo de uma insegurança que gera o medo de sentirmo-nos sós!

Quem sabe, também, se não esteja bem próxima –ou até mesmo já esteja sendo praticada– a investigação conduzida por equipes cujos membros em diferentes lugares, ou mesmo países, estejam atuando por meio da utilização do *ciberespaço*?

Quanto à outra vertente, que é a filosófica, completamente necessária à prática científica, sobretudo na geografia, é necessário considerar a atual preocupação que vem ocorrendo na revivescência de uma geografia cultural ou, melhor dizendo, em todo este complexo temático que se vem rotulando de geografia humanística. Todo este fluxo novo, reativando tendências passadas e acrescentando outras inovadoras, poderá contribuir para a geração de um novo humanismo. Atualmente a geografia humana, com sobejas razões, vê-se centrada no determinismo econômico que, na vigência de um acerbado capitalismo, aja como se o homem só tivesse esta dimensão centrada no ter. O homem que, certamente, é multidimensional deveria ser focalizado naquelas outras que, integradas na condição humana, venham despertar valores adormecidos ou embotados e ressaltar novos valores ou que implicarão no surgimento de um mundo melhor já que –como nos ensinou o filósofo Heidegger– mundo é acontecimento produzido dentro do homem.

Como fecho desta já longa palestra, peço a indulgência da plateia para permitir-me relembrar que neste ano está sendo celebrado, no mundo todo, o IV centenário de publicação de *D. Quijote de la Mancha*, fato aqui ressaltado pelo colega peruano Aníbal Quijano. E o faço porque a monumental obra de Cervantes aponta-nos o eterno conflito entre a realidade do mundo e o anseio do homem em superá-la. Se não pela sensatez e o racionalismo protetores da ciência, pela arrebatadora loucura da arte. O espaço romanesco daquela obra prima é o da realidade social da Espanha no século XVII –momento mesmo da instalação da primeira grande modernidade. É sobejamente conhecida a preferência de Cervantes pela condição humana e sua negligência (quase descartamento) da realidade dos lugares. Não só os geógrafos podem dar-se conta desse fato bem notado entre os literatos, como, por exemplo, Flaubert (1991) que exclamou: “comme on voit ces routes d’Espagne qui ne sont jamais décrites”.

Por outro lado, o cavaleiro da triste figura enfrenta a realidade social de seu tempo inebriado de um passado já extinto, resultando daí que, embora imbuído dos mais altos propósitos, seus sonhos, arraigados a um tempo que passou, resultam sempre em ações desastrosas e sobretudo cômicas. E o comentário do poeta Lord Byron (George Gordon – 1788-1824) destaca um dos aspectos capitais da obra cervantina:

É a mais triste de todas as histórias e assim o é porque nos causa o riso; justo é seu herói e, no entanto, vai em busca da justiça; dominar o malvado é seu único propósito, e a luta desigual sua recompensa; são suas virtudes que o tornam louco. Suas aventuras nos apresentam cenas angustiosas, e mais angustiosa ainda é a grande moral que a quantos saibam pensar lhes produz esta genial história épica.

Cervantes era um artista e a isto podia permitir-se, demonstrando a vontade de superar a realidade do mundo através da tristeza. Como geógrafos, com pretensões a ciência, nossa invenção de uma nova América Latina num melhor mundo através da imaginação, até mesmo fantástica, poderá induzir-nos ao terreno da utopia. E isso requer o oposto do pessimismo e da tristeza, mas o impulso otimista através da alegria. E num esforço de demonstração de que nosso anseio de união fraterna entre latino-americanos não nos quer isolar dos outros mundos, lembremo-nos também que neste ano de 2005 celebra-se o bicentenário da morte de Schiller (Johan Christoph Friedrich Von - 1759-1805).

Formado no romantismo alemão, fruto do idealismo de Kant, em toda sua obra poética, lírica ou dramática, transparece sempre uma inabalável fé no progresso humano e uma crença no aperfeiçoamento social. É bem expressiva esta frase colhida numa sua carta dirigida ao amigo Wilhelm Von Humboldt –o irmão de Alexander, pai da geografia: “Final de contas, somos ambos idealistas e devemos nos envergonhar em dizer que o mundo natural nos formou ao invés de admitir que ele foi formado por nós” (2 de abril de 1805).

Mas o otimismo de Schiller atinge o seu ápice em sua famosa *Ode à Alegria*, composta em 1785 e aproveitada por Beethoven no coral do quarto movimento de sua nona sinfonia. Os brados de *Freude* ecoam num apelo pan-universal:

AMIGOS, basta desses cantos!  
Entoemos um outro e mais agradecido  
O cântico de Júbilo.

ALEGRIA, brilhante centelha da divindade,  
Filha do Eliseu.  
Adentramos, semblantes ardentes,  
Teu glorioso santuário!  
Tua força mágica irmana  
O que o mundo separou;  
Todos os homens tornam-se irmãos,  
Onde a asa tua gentil pousou.

Uma irmandade pan-universal que principiaria pela irmandade latino-americana. Isso seria meta do novo humanismo de que estamos tão necessitados.

Certamente em meio a uma enorme plêiade de poetas latino-americanos haverá diferentes cantos de excelente valor para expressar este anseio comunitário para que deixemos de ser o incômodo labirinto de solidão que temos sido. Contudo, meu conhecimento deste precioso acervo não chega a tanto. Permitam-me retornar ao poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade em seu *Canto brasileiro*. Nota-se que sob o rótulo de moreno ele enfeixa, realística e altaneiramente, nossa condição de mestiços, subdesenvolvidos, mas que, nem por isso, pretendemos a hegemonia, a liderança política econômica, mas certamente desejamos a condição pan-universal de fraternidade.

O traço americano  
o sêmen novo  
não me fazem um ser descompassado  
Brasileiro sou,  
moreno irmão do mundo é que me entendo  
e livre irmão do mundo  
me pretendo  
(grifos meus)

Que o futuro nos conduza a uma realidade latino-americana que nos liberte dos *sangramentos* registrados pelos nossos grandes artistas Eduardo Galeano e Oscar Niemeyer.

Muito obrigado pela paciência. Espero que retornem felizes a seus países e a seus lares com um crescente entusiasmo em nossos bons propósitos de intercâmbio fraterno que certamente estará mais aceso no próximo encontro.

## BIBLIOGRAFIA

- Aizcorbe, César Sanches 1986 *Dicionário de ciências sociais* (Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas e UNESCO).
- Bloom, Harold 1998 *Shakespeare, The Invention of the Human* (Nova Iorque: Riverhead books).
- Boas, Frederick S. 1975 (1930) *Introduction to the Reading of Shakespeare* (Norwood: Norwood Editions).
- Bomfim, Manoel 2005 (1905) *América Latina: males de origem* (Rio de Janeiro: Topbooks).
- Bosi, Alfredo 1992 *A dialética da colonização* (São Paulo: Companhia das Letras).

- Cardoso, F. H e Faletto, E. 1973 *Dependência e desenvolvimento na América latina* (Rio de Janeiro: Zahar).
- Fernandes, Florestan 1981 *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (Rio de Janeiro: Zahar Editores).
- Feyerabend, Paul 1993 *Against Method* (Londres: Verso).
- Fiori, José Luis 1990 "Para uma crítica da teoria latino-americana do estado" em *SINTESE – Nova Fase*, Nº 50, Vol. XVII.
- Flaubert, Gustave 1991 *Correspondance* (Paris: Gallimard).
- Furtado, Celso 1985 *A fantasia organizada* (São Paulo: Paz e Terra).
- Monteiro, C. A. de Figueiredo 1987 "Geografia e uso da terra nos trópicos" em *Ciência para os trópicos – Anais do I Congresso Brasileiro de Tropicologia* (Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana).
- Prigogine, Ilya e Stengers, Isabelle 1986 *La nouvelle alliance* (Paris: Gallimard).
- Ribeiro, Darcy 1993 "Prefácio" à obra de Manuel Bomfim *América Latina: males de origem* (Rio de Janeiro: Topbooks).
- Rodó, José Enrique 1913 *El mirador de Próspero* (Montevideu: Jose Maria Serrano).
- Rodó, José Enrique 1984 *Ariel* (México: Fondo de Cultura Económica).
- Rodó, José Enrique 1988 *O espelho de Próspero: culturas e idéias nas Américas* (São Paulo: Companhia das Letras).
- Santos, Milton 2000 *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal* (Rio de Janeiro: Record).
- Steiner, George 2004 *Gramáticas da criação* (Rio de Janeiro: Globo).